

PAPAI É MEU!

Ilan Brenman



Resenha

O dia todo era uma eterna disputa: cada uma das duas irmãs queria o pai inteiro, a todo instante, só para ela. “Papai é meu!”, diziam as duas, sem cansar, num coro desencontrado e dissonante. De manhã bem cedo, na hora do café, nas brincadeiras em família, no teatro, no cinema, sentadas na frente da televisão... A disputa sempre continuava. Contudo, certo dia, o inevitável aconteceu: enquanto as garotas puxavam cada um dos braços do pai, cada vez mais forte, o coitado rasgou-se ao meio... Cada uma ficou com uma metade só para si. Acontece que não tardaram a descobrir que um meio-pai não conseguia escovar os dentes delas nem lhes dar de comer na boca e muito menos pegá-las no colo e girar bem forte... Ainda bem que na papelaria em frente à casa encontrava-se a solução: uma potente “cola para pai”, que permitiu grudar os pedaços bem juntinhos.

Na seção *Autor e obra*, Ilan Brenman revela que estamos diante de uma história baseada em fatos reais: o próprio autor já se sentiu quase rasgando ao meio, puxado de lados opostos por duas figuras pequenas... Essa narrativa tem o sabor e a despreensão de uma história que um pai inventa para suas filhas ao colocá-las para dormir. De modo delicado e bem-humorado, une elementos fantásticos a situações cotidianas para tratar de um tema clássico: a competição e a rivalidade entre irmãos.



Coordenação:
Maria José Nóbrega

Preciso confessar uma coisa antes de tudo: quando acabamos a leitura de “Papai é meu!” aqui em casa, achei o livro um pouco bobo. Sei que parece pesado dizer isso, mas já lemos por aqui outros tantos livros de Brenman e ele tem o talento raro de trabalhar temas complexos e questões profundas com narrativas muitas vezes simples, em geral, combinadas com sua prosa direta e com um trabalho visual rigoroso – ao lado de seus tantos parceiros ilustradores e ilustradoras. Esse rigor e essa simplicidade costumam gerar obras literárias intrigantes e fascinantes para as crianças. No entanto, ao fim deste livro, me senti um pouco decepcionado.

Helena, minha filha menor, pediu que lêssemos novamente e, naquela segunda vez, concentrou-se muito nas ilustrações, comentando os detalhes, as texturas, as colagens. Mas por aí paramos.

“Não dá para acertar sempre”, pensei eu.

Contudo, naquele mesmo dia, à noite, perguntei que história queriam para dormir. E o mais velho, Miguel, respondeu de pronto: “Papai é meu!”. Helena concordou rápido.

Li para eles a história, mas aquela resposta tão imediata me chamou a atenção. Normalmente, não leio para as crianças na hora de dormir. Eles costumam preferir (e eu também) histórias inventadas ou canções. Acontece que por vários dias ainda se repetiu a mesma resposta à minha pergunta noturna. Durante o dia, lemos outros livros, mas à noite ambos concordavam que o melhor a ser feito seria ler novamente “Papai é meu!”.

Fiquei encafifado. Queria descobrir o que despertava nas crianças esse desejo de ouvir novamente a história das meninas que rasgaram o pai ao meio.

Perguntei a eles. Não souberam me responder com exatidão, mas Miguel insistiu que “é muito engraçado elas encontrarem uma cola para unir pais na papelaria”. (Um detalhe interessante é que o livro é todo composto em letra bastão, ou seja, letra de imprensa em caixa alta, o que facilita muito para crianças em idade de alfabetização lerem sozinhas, pois elas ainda têm dificuldades com as letras minúsculas; parece bobagem, mas não é a regra para edições de livros para essa faixa etária.) Contudo, curiosamente, ele não riu nenhuma vez enquanto lemos o livro.

Helena me disse que os desenhos eram muito bonitos, principalmente “os cabelinhos delas, a roupa do papai e o cachorro”. De fato, são muito atraentes as colagens que formam as ilustrações de Juliana Bollini, mas à noite, na hora de dormir, não costumo mostrar muito os desenhos das páginas...

Era um tipo de mistério para mim.

Hoje, escrevendo essas palavras, julgo que entendo – da forma simplória que pode um adulto entender essas coisas – o que atraiu com tanta força meus filhos à história.

A disputa pelo pai, embora não se revele abertamente, aqui em casa existe também. Ok, disso eu sei, todos sabemos. Mas eu não imaginava que meus filhos se identificariam de maneira tão intensa com as personagens. De fato, puderam encontrar na ficção uma tradução de seus sentimentos mais confusos e misturados, que são (assim como para nós, adultos) o ciúme, a posse. Porque se confundem com o amor e com o carinho, porque derivam de uma vontade genuína e profunda de querer



bem, descambando para ações violentas e posturas egoístas e, talvez pior que tudo, tristes.

Percebi que o conto não é engraçado para meu filho. É triste, é um conto de representação de dor e de dificuldade para lidar com sentimentos e emoções cujos nomes demoramos para entender. Estados de espírito com os quais evitamos lidar mesmo na vida adulta, sobre os quais não temos articulação intelectual, pelos quais não queremos nos deixar tomar. Mas que estão presentes na vida cotidiana o tempo todo, para todos nós.

Então, compreendi que o livro de Brenman e Bollini não é bobo. Ele simplesmente é sério: trata de algo sério de maneira séria, sem artifícios cômicos, por exemplo. É sobre algo às vezes triste, às vezes doído, mas – meus filhos me ensinaram – muito importante de se olhar de frente.



Um pouco sobre o autor

Ilan Brenman tem um amor profundo pelas mais diversas narrativas. Esse afeto está ligado diretamente à origem do autor, pois ele é israelense, naturalizado brasileiro, filho de argentinos, neto de poloneses e russos. Psicólogo de formação, Ilan é mestre e doutor pela Faculdade de Educação da USP, já ministrou centenas de cursos e palestras pelo país afora, sempre discutindo a importância das histórias lidas e contadas oralmente na vida de bebês, crianças, jovens e adultos. Possui mais de 50 livros publicados (além de vários no exterior), entre os quais *Até as princesas soltam pum* (Brinque-Book,

2008), seu *best-seller*. Muitas das suas obras ganharam selos de Altamente Recomendável da FNLIJ, além de participarem do catálogo da Feira de Bolonha, Itália. Em 2019, tornou-se autor exclusivo da Editora Moderna. Para saber mais sobre o autor, acesse: www.bibliotecailanbrenman.com.br.



Leia Mais

Do mesmo autor

- ✕ *Pai cabide*. São Paulo: Moderna.
- ✕ *Famílias*. São Paulo: Moderna.
- ✕ *Enganos*. São Paulo: Moderna.
- ✕ *A menina que amava futebol*. São Paulo: Moderna.

Sobre o mesmo assunto

- ✕ *Meu pai é um problema*, de Babette Cole. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- ✕ *Adivinha quanto eu te amo*, de Sam McBratney e Anita Jeram. São Paulo: WMF-Martins Fontes.
- ✕ *Agora não, Bernardo*, de David McKee. São Paulo: WMF-Martins Fontes.
- ✕ *Mamãe zangada*, de Jutta Bauer. São Paulo: Cosac Naify.
- ✕ *Um papai sob medida*, de Davide Cali. São Paulo: Cosac Naify.

